

ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES EXPRESSIVAS DO CORPO NO ESPAÇO CONVERSACIONAL DOS ‘NÃO FALANTES’¹: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM DOS SURDOS

Regina Froés Dolabela²

Resumo

Este ensaio trata dos aspectos estruturais do comportamento e fenomenológicos do corpo, da fala e da linguagem nos primeiros trabalhos de Maurice Merleau-Ponty, a luz de casos de surdez relatados por Oliver Sacks. Seu objetivo é restituir ao corpo e a fala a primazia do sentido linguístico na compreensão da linguagem. No percurso, discutimos sobre a possibilidade da linguagem ser um fenômeno natural ou social; defendemos que a fala não é uma veste do pensamento; que a palavra e o conceito de consciência não equivalem à aquisição de linguagem que, a despeito das diferentes modalidades de existência, palavras e ideias são acontecimentos de uma história, de uma certa organização do corpo e estilo de ser no mundo. Argumentamos a favor da noção de linguagem como uma dentre outras manifestações de expressividade existencial e simbólica do corpo. Identificamos uma base comum da comunicação pela fala e pelo gesto nestes dois mundos aparentemente disjuntos. Em ambos os casos, descartamos a possibilidade de se fazer uso da linguagem sem um corpo. O uso da linguagem que se faz pelos surdos ajudou-nos a compreender a essência da fala pela voz: a gestualidade da linguagem.

Palavras-chave: Fenomenologia. Percepção. Corpo. Estrutura do comportamento. Fala. Significação linguística. Linguagem.

Abstract

This essay deals with the structural aspects of the body's behavior and phenomenological, speech and language in the early work of Maurice Merleau-Ponty, in the light of deafness cases reported by Oliver Sacks. His goal is to restore to the body and speech the primacy of linguistic meaning in language comprehension. Along the way, we discussed the possibility of language being a natural or social phenomenon; we argue that the speech is not a vest of thought; the word and the concept of consciousness are not equivalent to the acquisition of language that, despite the different models of existence, words and ideas are events of a story, of a certain organization of the body and style of being in the world. We argue in favor of the notion of language as one amongst others manifestations of existential and symbolic expression of the body. We identified a common basis for communication by speech and gesture by these two worlds seemingly disjoint. In both instances, we ruled out the possibility of making use of language without a body. The use of language that is done by the deaf helped us to understand the essence of speech by voice, the gestures of language.

Key words: Phenomenology. Perception. Body. Structure of behavior. The Speech. Linguistic Meaning, Language

¹ Destaque nosso. Demais palavras e trechos marcados por aspas duplas são citações identificadas na obra em referência; palavras e expressões em itálico são reconhecidas como de uso familiar do autor.

² Doutora em Ciência da Informação. Professora Adjunta do Curso de Administração e Ciências Contábeis da FAMC e integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq ‘Filosofia da Percepção’ pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (E-mail: redolabela@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Nossa viagem em busca dos fundamentos da linguagem nos espaços de conversação dos ‘falantes’³, surpreendentemente, nos traz de volta ao lugar onde tudo começa: ao gesto mudo dos *sujeitos anônimos da percepção*⁴ que retoma um saber que sabe mais sobre nós do que nossa consciência, recolocando-nos o desafio de compreender as diversas manifestações da linguagem em Maurice Merleau-Ponty, agora com o olhar voltado para experiências empíricas ‘do mundo dos não falantes’.

Inicialmente perguntamo-nos quem seriam estes ‘não falantes’? Nossa experiência de conversação com membros da comunidade de surdos é comum de outros ‘falantes’ que, providos da voz e audição, tentam estabelecer tal conversação sem terem qualquer contato prévio com uma língua de sinais. Portanto, uma vez que estávamos desprovidos de qualquer aparato gramatical *a priori*, capaz de nos introduzir num novo modo de linguagem, não supúnhamos que aquele seria, justamente, o universo empírico para formulação de argumentos filosóficos acerca da fenomenologia da fala e da linguagem.

Esta jornada tem início com os relatos de experiências de pessoas acometidas pela surdez, extraídos da obra *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, de Oliver Sacks (2013)⁵, a partir dos quais, com base na *Estrutura do Comportamento* (1942) e na *Fenomenologia da Percepção* (1945), ambas de autoria de Merleau-Ponty, construímos nosso argumento em favor de uma significação existencial e simbólica da fala, que *a habita e é inseparável dela*, e que é anterior a sua significação conceitual. Nosso objetivo é, lançando mão de casos de surdez relatados por Sacks, argumentar em favor de um sentido imanente ao corpo e restituir à fala seu valor de gesto que já contém seu sentido. Nesta direção, reforçamos com Maurice Merleau-Ponty que *a fala não é uma veste do pensamento*; que *a palavra e o conceito de consciência não equivalem à aquisição de linguagem*; que, a despeito das diferentes modalidades de existência, palavras e ideias são acontecimentos de uma história, de uma situação, de uma certa modulação do corpo enquanto ser no mundo; que palavras e ideias são potência motora adquirida como experiência do corpo e do uso de seus campos perceptivos e práticos em situação e no esforço de expressão, seja numa primeira

³ Neste ensaio, a expressão ‘falantes’ designa modalidades de comunicação lingüística auditivo-oral em contraponto ao ‘não falante’ como aquele que não ouve e não usa a voz para se comunicar.

⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice (1945). Para efeito de leitura e consulta a essa obra do autor, La *Phénoménologie de la Perception*, as referências e citações adotam como padrão a sigla PhP seguida da numeração da página no original (1945) e na versão brasileira (2011).

⁵ Oliver Sacks (1933-2015), foi psiquiatra e professor de neurologia e psiquiatria na Columbia University. Informações sobre o autor estão disponíveis em <www.oliversacks.com>. Acesso em 14/07/2014.

experiência silenciosa do mundo, seja na comunicação com outrem. Dito de outra forma, nosso objetivo é evidenciar que nem a palavra, nem o sentido das palavras estão depositados na consciência; e que a fala não é uma operação intelectual, tampouco está circunscrita ao âmbito da fisiologia ou biologia humana, mas é um dentre os modos de envolvimento do corpo na experiência do mundo dos significados.

Por ser apenas uma dentre as formas de expressão e de inserção no mundo, não se deve pressupor a supremacia da palavra falada em relação a outros modos de expressão do corpo, como é o caso da linguagem dos surdos, tal como argumenta Merleau-Ponty em *La Phénoménologie de la Perception*⁶

[...] não há diferença fundamental entre os modos de expressão, não se pode atribuir um privilégio a um deles como se este exprimisse uma verdade em si. A fala é tão muda quanto a música, a música é tão falante quanto a fala (PhP p.448, 523).

Para a construção do argumento, trabalhamos com as noções de linguagem, fala e significado tal como aparecem na fenomenologia merleau-pontyana. Linguagem como dimensão expressiva do modo de ser do sujeito no mundo, do modo como ele significa e compartilha o mundo, emergente nas relações de sentido do corpo com o mundo, e posteriormente com outrem. Fala em sua significação existencial e simbólica, como verdadeiro gesto que contém o seu sentido, uma modulação ou empreendimento corporal que expressa um sentido em sua transcendência biológica, e fala enquanto fenômeno em primeira pessoa, portanto, sob a perspectiva do *sujeito falante que possui um certo estilo de ser e com o mundo que ele visa*, assim como aparecem na PhP (p.214, 249). Significado enquanto fenômeno da intencionalidade do sujeito – consciência em direção às coisas e a outrem. O horizonte de reflexão sobre a fenomenologia merleau-pontyana circunscreve-se à *La Structure du Comportment* (1942) e *La Phénoménologie de la Perception* (1945). Destacamos na primeira obra o capítulo IV: *L'ordre physique, l'ordre vital, l'ordre humainem* e, na segunda, os capítulos III e VI, respectivamente: *La spatialite du corps propre et la motricite* e *Le corps comme expression et la parole*.

⁶ De agora em diante as citações da obra *Fenomenologia da Percepção* serão representadas pela sigla PhP. Do mesmo modo, utilizaremos a sigla SC para citações da obra *Estrutura do Comportamento* e VV para a obra *Vendo Vozes*.

O MUNDO DOS ‘NÃO FALANTES’ E A FORÇA DO MITO DA FALA COMO MANIFESTAÇÃO DA RAZÃO

No princípio era o verbo... [ou o pensamento de Deus]
(João, 1,1.)

Começamos por reproduzir o entendimento de Oliver Sacks a respeito do mundo dos surdos, ao afirmar que “somos notadamente ignorantes a respeito da surdez” (VV, p. 15). Seu depoimento nos remete à história da filosofia e à importância atribuída à expressão “fala pela voz” como manifestação da alma, do pensamento ou da razão, podendo ser encontrados episódios que ilustram esta forma de entendimento desde a antiguidade. Assim, encontramos na fala do poeta grego a revelação divina. Sua palavra – o mito – era, então, considerada sagrada. Também no período socrático encontramos a valorização daquele que sabia falar em público. Em Atenas, para participarem da vida política e serem aceitos em sociedade os cidadãos atenienses precisavam saber falar e persuadir seus ouvintes pela palavra falada. Por certo é que a proposta da educação da época estava voltada para formação do bom orador. Para Aristóteles, “as coisas na voz são os símbolos das afecções da alma e as coisas escritas [são os símbolos] das coisas na voz” (ARISTOTELES, 1959, 1 16, 3-4). Com ele podemos equiparar a palavra falada com o que existia de mais sublime para o filósofo de seu tempo, ou seja, às experiências de intuição imediata como pensamento, origem do pensamento conceitual.

O interesse da comunidade de estudiosos sobre a surdez foi despertado no século XVIII pelas questões suscitadas pelo Abade Sicard⁷, em relação ao *estado deplorável* dos surdos, conforme comentado por Oliver Sacks.

Por que a pessoa surda sem instrução é isolada da natureza e incapaz de comunicar-se com os outros homens? Por que ela está reduzida ao estado de imbecilidade? Será que sua constituição biológica difere da nossa? Será que ela não possui tudo que precisa para ter sensações, adquirir ideias e combiná-las para fazer tudo que fazemos? (VV, p. 24).

Nem mesmo as questões inspiradas pelo caso do Menino Selvagem de Aveyron⁸ foram suficientes para romper a ignorância acerca daqueles que não fazem uso da voz para se expressarem, os ‘não falantes’.

⁷ Roch-Ambroise Cucurron Sicard (1742-1822), da escola de surdos de Bourdeaux e substituto do Abade Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) na National Institution for Deaf-Mutes em Paris, após a morte deste. Ambos são destacados por Sacks em razão da grande contribuição dada à educação dos surdos-mudos (VV, 2013).

Os estudos relatados pelo autor afirmam que as diferenças encontradas nas experiências dos ‘não falantes’ - em termos de limitações cognitivas, domínio da linguagem e grau de dificuldade para sua aquisição – resultam, em grande medida, da fase de vida em que o sujeito foi acometido pela surdez. Em *Vendo Vozes*, o universo das experiências e casos relatados abrange as fases pré-linguística e pós-linguística, mas o interesse principal do autor está nos casos de surdez pré linguística. De uma maneira geral, outros aspectos levados em conta são o ‘grau de surdez’ - que pode ir da impossibilidade de ouvir, passando pela dificuldade para ouvir e indo até situações em que, utilizando aparelhos, é possível ouvir parte do que se fala. Há as pessoas consideradas seriamente surdas, muitas vezes em decorrência de algum acidente na juventude, e aquelas profundamente surdas, que não conseguem falar de maneira usual e recorrem à língua de sinais ou à leitura labial.

A nossa leitura de *Vendo Vozes* permitiu observar que as experiências relatadas não diferiam apenas nos pontos mencionados. Dos diversos casos analisados, consideramos válidas as explicações científicas apresentadas pelos psicólogos, linguistas e neuro-cientistas citados por Sacks. Entretanto, em nosso entendimento, explicações científicas não prescindem da consideração dos aspectos estruturais, existenciais e simbólicos do corpo e da fala, atribuídos pelo modo particular de inserção no mundo dos significados por parte dos sujeitos acometidos pela surdez. Assim é que as variações observadas, embora tomem como ponto de partida a idade, ou seja, o estágio em que a surdez ocorre – pré ou pós-linguístico –, não nos parecem esgotar-se nelas, merecendo atenção especial aspectos fenomenológicos do corpo e da fala, pelo impacto que têm sobre as diferenças encontradas no domínio linguístico dos casos analisados por Sacks. Se alguém é capaz de expressar-se, possui um domínio linguístico, se entendemos a fala como um dos modos de expressão pelo uso do corpo. Portanto, não podemos considerá-lo um ‘não falante’. Talvez pudéssemos nos referir como ‘não falantes’ àqueles sujeitos em quase que total isolamento, pessoas acometidos ou não pela surdez; como seria o caso do menino selvagem de Aveyron. Diante disso, interessa-nos compreender que vínculos podem ser estabelecidos entre fala, linguagem e pensamento como fenômenos da natureza humana. Nessa direção, passamos adiante a discorrer sobre alguns casos selecionados de Sacks (2013), sob o ponto de vista das explicações científicas e da fenomenologia do corpo e da fala em Maurice Merleau-Ponty.

⁸ O Menino Selvagem, aparentemente desprovido de linguagem, foi levado a Paris em 1800 e internado no *Internacional Institution for Deaf-Mutes*. O interesse da comunidade científica na investigação dos fundamentos da natureza humana, da identificação dos fatores sociais que poderiam explicar a linguagem, a inteligência e moralidade foram insuficientes para o desenvolvimento da linguagem daquela criança. Sacks estranha o fato do menino selvagem nunca ter sido exposto à língua de sinais (VV, p. 20).

O MUNDO DOS SURDOS: QUESTÕES EMPÍRICAS A SEREM CONSIDERADAS À LUZ DA FENOMENOLOGIA DA FALA E DA LINGUAGEM EM MAURICE MERLEAU-PONTY

A incumbência recebida para fazer a crítica aos livros do psicólogo Harlan Lane (LANE, 1976 e 1984a e b), despertou o interesse de Oliver Sacks pelos casos de pessoas surdas que, por terem sido mantidas isoladas, não aprenderam qualquer língua e eram caracterizadas como tendo uma incapacidade intelectual, com o conseqüente comprometimento do seu desenvolvimento emocional e social. Entre as questões que coloca, destacamos as seguintes: a “língua desenvolve-se de um modo espontâneo e natural ou requer contato com outros seres humanos?”(VV, p.41)?; “poderia haver uma identidade orgânica radicalmente diferente” entre a língua de sinais e a falada (VV, p.103)? por que razão “um ser humano fica confinado a um mundo imediato na falta de uma língua” (VV, p.44)?

Um dos casos relatados é o de Joseph que, sendo surdo, até os onze anos viveu sem língua alguma, até que ingressou na Braefield School for Deaf. Nascido surdo, somente aos quatro anos teve o problema identificado. Servia-se de gestos e pantomima para se comunicar e, ao mesmo tempo, tinha grande habilidade para o desenho. Sua inteligência visual e a habilidade para resolver problemas visuais e quebra-cabeças eram notáveis e *contrastavam radicalmente* com suas dificuldades de base verbal. Por essa razão foi considerado como idiota, retardado ou autista. Entretanto, a privação de oportunidades para aprender a língua de sinais e a falta de incentivos para participar de brincadeiras que a linguagem poderia ter-lhe proporcionado durante a infância não foram suficientes para diminuir seu interesse em comunicar-se. Tanto assim que depois que foi matriculado na escola, ao final de cada jornada sempre desejava permanecer lá, já que voltar para casa era como voltar para o silêncio. Ali ele era deixado de lado, não podia conversar com os pais, vizinhos ou amigos, *tornando-se novamente ninguém* (VV, pp. 42-46).

Ainda segundo o relato, Joseph não era capaz de narrar como havia sido seu final de semana e tampouco conseguia entender a ideia de uma pergunta ou a formulação de uma resposta, o que tornava impossível fazer-lhe perguntas. Inexistia, para ele, um senso de passado, revelando uma ausência de senso histórico. Sua vida resumia-se ao momento presente. “Como um animal ou um bebê, ele parecia preso ao presente, confinado à percepção exata...” (VV, p. 46). Embora não apresentasse problemas da ordem da categorização e generalização perceptiva, era incapaz de entrar na esfera imaginativa, de considerar hipóteses,

de lidar com ideias abstratas, de julgar ou planejar. Vivia confinado a um mundo imediato e seu mundo restringia-se no alcance de seu pensamento.

Outro caso é o de Massieu, que é similar ao de Joseph. Sua vida esteve restrita ao círculo familiar e às relações com os oito irmãos, dos quais cinco eram surdos-mudos. Fora desse círculo, “ele era tratado como um cão e desprezado pelas crianças de sua idade” (VV, p. 47). Somente aos quatorze anos Massieu entrou em contato com a língua de sinais, ao ingressar na National Institution for Deaf-Mutes, em Paris, tendo sido educado pelo Abade Sicard.

Aos casos de Joseph e Massieu, acrescentamos o de Idelfonso (VV, pp. 52-56), cujo primeiro contato com a língua de sinais ocorreu bem mais tarde, aos 27 anos, com o auxílio de Susan Schaller, intérprete da língua de sinais e acadêmica de San Francisco. Idelfonso nasceu numa propriedade agrícola do sul do México e era filho de pais ‘falantes’. Ele e um outro irmão natissurdo eram as exceções na família e na comunidade rural, tendo, por consequência, vivido em condições consideradas de confinamento e de ausência de comunicação com o outro.

Estes três casos foram apresentados como casos extremos de falta de contato com a língua de sinais, uma vez que a maioria das pessoas com surdez pré-linguística desenvolve alguma língua na infância. Nos três casos houve aquisição de competência linguística, ainda que tardiamente. Como descrito por Sacks, gradativamente, e com graus diferentes de dificuldade, Joseph, Massieu e Idelfonso puderam ser introduzidos no mundo do pensamento e da linguagem através do ensino da língua de sinais⁹. Ao tratar dos três casos, Sacks ressalta que a dificuldade para entender perguntas e formular respostas é um tipo de deficiência linguística comum entre crianças surdas¹⁰.

Por sua vez, os relatos de Sacks sobre Charlotte e sobre a comunidade de surdos congênitos da Ilha Martha’s Vineyard, em Massachusetts¹¹, evidenciam um contraste com as experiências de isolamento e pobreza comunicativa dos casos acima mencionados. Tanto no caso de Charlotte como no dos surdos da comunidade da Ilha Martha’s Vineyard, destacam-se

⁹ No que diz respeito ao pensamento e à linguagem, Sacks admite, com base no epistemólogo suíço Jean William F. Piaget (1896-1980), que um e outro possuem origens biológicas separadas, e que é possível interagir com o mundo muito antes de aprender uma língua, existindo pensamento antes da emergência de uma língua, mas que isto não impede de ficarmos circunscritos ao mundo imediato e restritos no alcance do pensamento (VV, p. 44).

¹⁰ Sacks (VV p. 55) discorre sobre as descobertas de Rapin (1979) a respeito das deficiências linguísticas léxico/gramaticais de formas interrogativas, que são comuns em crianças com surdez pré-linguística.

¹¹ Caso apresentado em VV (pp. 38-40), extraído de Nora Ellen Groce: *Everyone here spoke Sign Language: hereditary deafness on Martha’s Vineyard*

a importância, no desenvolvimento das crianças surdas, da orientação dos pais, do acolhimento familiar e da sua integração social.

Com poucos meses de vida, Charlotte foi diagnosticada com surdez congênita. Prontamente, seus pais trataram de aprender a língua de sinais. Após uma opção inicial pelo inglês exato em sinais (SEE)¹², eles se reorientaram para uma comunicação menos descritiva e com padrões visuais de pensamento, mais típica do vocabulário da Língua Americana de Sinais (ASL), significando uma opção pelo compartilhamento, com Charlotte, desde os primeiros meses de vida, do seu mundo visual.

Por sua vez, em decorrência da endogamia na Ilha Martha's Vineyard, uma forma de surdez hereditária acompanhou gerações de seus habitantes, ao longo de 250 anos, de sorte que, por volta da metade do século XIX, não havia uma família que não fosse afetada pela surdez. Dadas as características da população, toda a comunidade incorporou, como sua, a língua de sinais local.

Segundo relatado, se algum diferencial existia na comunidade de surdos da ilha, esse dizia respeito ao seu elevado nível de desenvolvimento. Ali, os surdos sequer eram diferenciados pela sua deficiência auditiva, sua identificação fazia-se por qualquer outra característica física.

Comparativamente com os casos de Joseph, Massieu e Ildefonso - rejeitados e privados da convivência social - ressaltamos aqui os aspectos positivos da introdução ao mundo simbólico pela língua de sinais, tanto no caso da Charlotte como da comunidade surda da Ilha Martha's Vineyard. Pierre Desloges¹³ destaca a importância do contato com a língua de sinais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e sociolinguístico dos surdos, nos seguintes termos:

A língua [de sinais] que usamos entre nós, sendo uma imagem fiel do objeto expresso, é singularmente apropriada para tornar nossas ideias acuradas e ampliar nossa compreensão, obrigando-nos a adquirir o hábito da observação e análise constantes. Esta língua é vívida; retrata sentimentos e desenvolve a imaginação. Nenhuma outra língua é mais adequada para transmitir emoções fortes e intensas (VV, p. 29).

¹² Uma réplica do inglês falado.

¹³ Pierre Desloges, acometido pela surdez pré-linguística, foi considerado como intelectualmente incapaz até aprender a língua de sinais. O primeiro livro escrito por surdos, em 1779, é de sua autoria: *Observations*.

Ressalte-se que, para o Abade de l'Épée, do National Institution for Deaf-Mutes de Paris,¹⁴ que foi responsável pelo desenvolvimento do sistema de instrução de surdos baseado na língua gestual dos surdos moradores de rua de Paris, era difícil acreditar que a língua de sinais pudesse ser tão completa e capaz de expressar emoções e proposições, tanto, ou mais, quanto a língua falada. Uma de suas conclusões sobre as pessoas profundamente surdas é que estas não demonstraram nenhuma inclinação inata para falar e, no entanto, demonstraram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de sinais.

Ao falar das diferenças entre línguas faladas e de sinais, Sacks chama a atenção para o fato de que “a língua de sinais difere da falada mais do que qualquer língua falada difere da outra” (VV, p. 103). Os estudos de Whorf (1956), citado por Sacks (VV n. 30, p.162), associam as diferenças encontradas ao fato de que a primeira surge dos gestos e da representação emocional-motora espontânea. As distinções encontradas provocaram muitos questionamentos sobre as origens e a identidade orgânica da língua de sinais, e alimentaram muitas especulações ao longo do século XIX.¹⁵

Com base nos achados de Stokoe (1960), Sacks ressalta que as experiências de aprendizado com a língua de sinais podem equiparar-se às da língua falada, prestando-se ao poético, à arte metódica da comunicação e até à análise filosófica. Pelo estudo de Stokoe foi possível demonstrar, àquela época, que a língua de sinais “satisfazia todos critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico e na sintaxe, na capacidade de gerar um número infinito de proposições” (VV, p.70).

Acrescentamos às considerações de Sacks sobre a língua de sinais, as de Silva (2014), no que dizem respeito à insuficiência dos fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da Libras¹⁶ para a compreensão e comunicação com membros da comunidade de surdos, na medida em que não capta os movimentos corporais e faciais, imprescindíveis para complementação do sentido das palavras, das frases e da história que é narrada e interpretada. Para Silva, o uso das mãos, da cabeça, da face, dos ombros, do tronco fazem parte da fala em Libras, mas falta-lhe o “não dito” ou “não pensado” que está presente no olhar do outro e que se faz por meio de uma linguagem muda, silenciosa e viva. Contar uma história é *vivê-la corporalmente*, reforça a autora, argumentando que o *uso adequado do*

¹⁴ A escola de l'Épée, fundada em 1791, teve um importante papel na educação dos surdos e formação de vários professores para surdos.

¹⁵ Sacks relata na nota 91 (VV p. 179), que especulações deste gênero adquiriram proporções tais, que em 1866 a *Société de Linguistique* de Paris proibiu a apresentação de trabalhos sobre o tema; e que estudos da paleolinguística apresentam evidências sobre a origem pré-histórica da linguagem na língua de sinais.

¹⁶ Língua Brasileira de Sinais

movimento das mãos, do tronco, da cabeça, das expressões não-manuais e do conhecimento gramatical não necessariamente redundam em um corpo que fala (SILVA, 2014 p. 130).

Wilhelm von Humboldt¹⁷, citado por Sacks (VV p. 103), considera que os estudos sobre uma língua devem levar em consideração a distinção entre a *forma* (as propriedades formais de uma língua; suas estruturas sintática e semântica) e o *caráter* dessa língua (determinado pela maneira como ela é usada), ou uso da linguagem (o falar, ou *a parole*). Para Humboldt, *o caráter de uma língua expressa o modo como um povo pensa, sente e aspira... é de natureza essencialmente criativa e cultural, possui uma qualidade genérica; é seu espírito, e não apenas seu estilo.*

No caso da língua de sinais, Humboldt reconhece sua maior proximidade ao *caráter* do que à *forma*, assim como aos traços do biológico, ao tomar em consideração sua base gestual e iconicidade. E é apoiado em Humboldt que Sacks argumenta que a língua de sinais é passível de ser reconhecida, pelo modo particular como é usada, por seus traços da poética da improvisação e da brincadeira, como um estilo bem mais divertido que a língua falada. Some-se a isso também, a corporificação da identidade pessoal e cultural, revelada na adaptação única a um outro modo sensorial de se expressar.

[...] a língua de sinais não é só a manipulação de símbolos segundo regras gramaticais, mas irredutivelmente a voz do usuário – uma voz com uma força especial, porque é emitida, de um modo muito imediato, com o corpo (VV, p. 103).

O poder do corpo em significar leva Sacks a considerar que o uso do corpo é a característica mais notável da língua de sinais, chegando mesmo a admitir que possa “ter ou imaginar uma fala sem corpo, mas não se pode ter uma língua de sinais sem um corpo” (VV, p. 103). Assim, para Sacks, seja no nível léxico, gramatical ou sintático, *o uso linguístico do espaço* da língua de sinais *é espantosamente complexo* (VV, p. 78).

Enquanto a língua falada é algo que ocorre de modo linear, sequencial e temporal, a língua de sinais tem uma ocorrência simultânea, coincidente e em múltiplos níveis. Para Stokoe (1979),

¹⁷ Conforme Segatto (2009) o filósofo e linguista alemão Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835) é reconhecido como o pai do sistema educacional alemão e como o primeiro linguista europeu a identificar a linguagem como um sistema governado por regras, tendo influenciado Chomsky no desenvolvimento de sua teoria da linguagem. Ressalte-se a sua atuação num movimento a favor de um novo paradigma para a linguagem em dois sentidos: cognitivo-semântica – linguagem como algo constitutivo da atividade de pensar – e comunicativo-pragmática, como resultado de um processo ou atividade, transformando-a em condição de possibilidade do entendimento dos não falantes.

a fala tem apenas uma dimensão – sua extensão no tempo; [...] mas só a língua de sinais tem à sua disposição quatro dimensões – as três dimensões espaciais acessíveis ao corpo da pessoa que faz os sinais e mais a dimensão temporal. [...] numa língua de sinais [...] a narrativa deixa de ser linear e prosaica [...] a essência da língua de sinais é fazer cortes de uma visão normal para um *close-up* e assim por diante, incluindo até mesmo cenas de *flashback* e *flashforward*, exatamente como se faz na montagem de um filme (VV, pp. 79-80).

O uso linguístico do espaço na língua de sinais só vai despertar o interesse de linguistas a partir da década de 70 do século XX (VV, p.78), tendo os estudos sobre o uso do tempo sido incorporados uma década depois. Estes permitiram compreender a comunicação por sinais como algo que é muito mais que uma sucessão de configurações *congeladas* no espaço, caracterizando-se por uma contínua e rica modulação no tempo. Nesse sentido, a língua de sinais pode ser equiparada à música e à fala, se considerados o dinamismo dos movimentos e pausas.

Para os fins do presente trabalho, no que diz respeito ao uso da linguagem (o falar, ou *a parole* de Humboldt) cumpre considerar, como o faz Sacks (VV, p. 58), que a primeira experiência emerge na relação comunicativa entre mãe e filho e que, portanto, a pragmática não se separa da sintaxe e da semântica no aprendizado de uma língua. Para compreensão da natureza humana, é o uso da linguagem que deve ser o foco principal de atenção.

As diversas contribuições de Hilde Schelesinger (1925-2003)¹⁸ sobre os impactos do relacionamento mãe e filho no desenvolvimento da criança surda sustentam a consideração de que não importa essencialmente se o diálogo entre mãe e filho ocorre por meio da fala ou de sinais, uma vez que o que importa é a intenção comunicativa e a qualidade do diálogo (VV, p. 60-61). As primeiras comunicações com a mãe são determinantes da passagem do mundo perceptivo para o de significados compartilhados, *ou conceitual*. O tipo de conversa - e não somente a conversa - pode comprometer a passagem do mundo perceptivo para o conceitual, prejudicando a compreensão das formas interrogativas, o senso de causação e a introdução de ideias sobre o futuro nas crianças surdas (SCHELESINGER, 1988, apud VV, p. 60).

Do exposto, queremos destacar o corpo como a voz do usuário e o uso linguístico do espaço como as características mais notáveis da língua de sinais. Ressaltamos também que o desenvolvimento da linguagem está condicionado às diversas formas como se dão as relações comunicativas desde a infância - bem ou mal sucedidas - nas histórias de vidas de nossos personagens. Tais considerações respondem, parcialmente, às indagações iniciais sobre a natureza da linguagem, no que diz respeito à sua dependência do contato com outros seres

¹⁸ Fundadora do Center on Deafness at UC San Francisco.

humanos, e sobre a singularidade da língua de sinais, no que diz respeito ao estilo diferente de comunicação, pelo uso do corpo e do espaço. Das considerações de Silva (2014) extraímos a insuficiência dos fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua de sinais para a compreensão da comunicação no mundo dos surdos, diante da importância do “não dito” presente na fala. Com base nas diversas características associadas à linguagem dos surdos relatadas por Sacks (2013) indagamos: é possível admitir uma identidade orgânica radicalmente diferente entre a língua de sinais e a falada? Diante dos achados de Silva (2014), e sob a perspectiva do conjunto de comportamentos de Joseph, Massieu e Ildefonso, indagamos: é possível atribuir seu confinamento ao mundo imediato à falta da língua de sinais? Que outros motivos poderiam fundamentar a falta de contato com outros seres humanos por parte de Joseph, Massieu e Ildefonso? Neste intuito, e com base no pensamento de Maurice Merleau-Ponty, na seqüência, passamos a discorrer sobre alguns aspectos fenomenológicos do comportamento e da linguagem que julgamos pertinentes para a compreensão dos casos relatados por Sacks (2013).

O MUNDO SILENCIOSO DA FALA: ASPECTOS FENOMENOLÓGICOS DA FALA E DA LINGUAGEM EM MAURICE MERLEAU-PONTY

Se para compreender o modo de comunicação por sinais partimos do entendimento da linguagem como uma dimensão expressiva do modo de ser do sujeito no mundo - do modo de como ele significa e compartilha o mundo -, não podemos desconsiderar os aspectos fenomenológicos dos movimentos corporais e expressões faciais dos surdos nos achados de Silva (2012), devemos concordar com as considerações do linguista alemão Wilhelm von Humboldt a respeito do uso da língua e do modo particular do uso do corpo - o estilo próprio de expressão do surdo -, com as quais concluímos o tópico anterior. Com este propósito, voltamos nosso olhar para o *solo originário de todo sentido*, e, em especial, para a estrutura do corpo, seus aspectos comportamentais. Em seguida, tratamos de algumas questões afetas à expressividade do corpo próprio, emergentes das manifestações existenciais e simbólicas da fala, assim como aparecem na *Estrutura do Comportamento*, publicada em 1942, e na *Fenomenologia da Percepção*, em 1945, de Maurice Merleau-Ponty.

Em sua primeira investida, em *Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty busca entender as relações entre consciência (a expressão) e mundo (o exprimido) questionando, do interior da própria ciência, conceitos dela extraídos, notadamente comportamento e estrutura;

esta última, concebida a partir do entendimento de forma, na psicologia da *gestalt*. Seja como manifestações da ordem do psiquismo (fatos psíquicos), ou do fisiologismo (fatos fisiológicos), ao repensar a noção de consciência como modo de organização do comportamento humano - ou estrutura -, o autor argumenta que o sentido não se apreende por nenhuma dessas ordens isoladamente. Tampouco considera possível estabelecer um paralelismo entre fatos psíquicos e fisiológicos para se descrever modos de organização e integração de comportamentos e, ao mesmo tempo, se identificar seu suporte corporal, razão porque o filósofo afirma que “a vida da consciência” e a vida do organismo não são feitas de uma nuvem de acontecimentos exteriores uns aos outros (SC. P. 83-84; p 119-120). Para Merleau-Ponty, é da estrutura do conjunto, da dialética que se estabelece entre organismo e meio, que um sentido se faz emergir do comportamento. No sujeito normal e ao olhar do observador, o comportamento humano é, por si só, capaz de revelar uma estrutura orgânica equilibrada e pronta para realizar diferentes níveis de ação, com um amplo campo de reações diferenciadas, em resposta aos desafios impostos pelas condições do seu meio social.

Numa primeira leitura dos relatos de Sacks a respeito de Joseph, tudo leva a crer que o comportamento dele revela uma capacidade de manejo de linguagem fixada no concreto e imediato do dia a dia. Joseph apresentava dificuldades de fazer a passagem desse imediato, concreto, para o plano abstrato, acenando para um comprometimento da função de categorização, implicada na impossibilidade de realização de comportamento virtual. Ou porque faltava a ele iniciativas no sentido de relatar histórias passadas, como ocorridos de um final de semana. Diante da possibilidade dessas condutas serem interpretadas como manifestações de uma ou outra ordem, psiquismo ou fisiologismo, Merleau-Ponty nos advertiria que vida perceptiva, vida emocional, vida do desejo, pensamento e linguagem são domínios que não se separam, no conjunto do comportamento. Argumentaria o filósofo, ainda, que a aprendizagem constitui-se numa alteração geral do comportamento verificável em qualquer tipo de organismo vivo, sendo ele capaz de estabelecer ligações de caráter estrutural adequadas às situações em que se encontra¹⁹. Como concluiu Veríssimo (p. 102), para Merleau-Ponty, aprender não é se tornar capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer às situações uma resposta adaptada por diferentes meios (SC p 106, 151). Especialmente referindo-se ao comportamento humano, Merleau-Ponty argumenta que, como operação

¹⁹ Esta afirmativa é resultado da busca pela originalidade do comportamento humano em relação ao comportamento dos outros seres vivos no manejo de signos e símbolos, no interior da SC. Baseia-se, especialmente, nos estudos de Gelb e de Goldstein, e nas conclusões que chegaram acerca das teorias tradicionais de aprendizagem, sustentadas nos princípios do behaviorismo e na teoria de reflexo, que tentam interpretar o comportamento humano, comparando-o ao da criança ou do animal. Estes dois cientistas são fontes para a concepção dos termos ‘atitude categorial’ e ‘função simbólica’, cunhados por Merleau-Ponty na SC.

originária, ele já é dotado de sentido e orienta-se para os aspectos estruturais da situação na qual se encontra. Assim, toda manifestação corporal humana expressa um nível de organização que ultrapassa o caráter imediato das situações em que o organismo se encontra. As formas simbólicas de comportamento constituem-se em centro da ordem humana²⁰. Talvez pudéssemos interpretar o caso de Joseph como uma mudança qualitativa de conduta, emergente de uma dialética entre organismo e meio motivada pela falta de audição e, como decorrência, do contato com formas lingüísticas de vida. Mas seria o acesso a uma língua de sinais razão suficientemente forte para possibilitar manifestar uma forma global de condutas concretas, adequada às diversas situações enfrentadas nos diversos âmbitos de comportamento de sua vida tais como o da percepção, do conhecimento, do desejo e, também, da fala e da linguagem? Como então interpretar o insucesso da comunicação entre intérpretes da Libras e surdos relatado por Silva (2014)?

Com o intuito de encontrar novas respostas, buscamos na *Fenomenologia da Percepção* a compreensão da fala como comportamentos instituídos através do *corpo fenomenal* - ou *corpo próprio* -, como gestos verbais capazes de dotá-lo de poder de expressão para manifestar o mundo da percepção e transportá-lo para o mundo cultural e histórico de significações. Esta é a posição do filósofo apresenta na *Fenomenologia da Percepção* como alternativa às explicações empiristas e intelectualistas da linguagem, que têm como pressuposto comum a exterioridade entre signo e significado, separando o sentido da existência da “coisa como coisa”, e que implicam na rejeição de qualquer possibilidade de tratar a “consciência como consciência”, o “corpo em ideia” e a fala não como invólucro do pensamento.

Com base em Merleau-Ponty, nosso entendimento é que a abordagem dos aspectos fenomenológicos da fala e da linguagem se sustenta na premissa do engajamento do corpo no mundo, solo originário de todo saber que podemos adquirir sobre nós mesmos e sobre o mundo. Assim, qualquer afirmação que possamos fazer sobre experiências desdobradas a partir do nosso contato direto com o mundo faz parte do fluxo temporal no qual nos lançamos para investigar. A essa relação íntima que se estabelece entre o mundo e a consciência,

²⁰ Na SC, Merleau-Ponty identifica três níveis de integração de comportamento dos organismos em relação ao meio, em substituição à distinção clássica entre comportamentos elementares e comportamentos complexos, a saber: formas amomíveis, sincréticas, e simbólicas. Amomíveis são aqueles comportamentos instintivos que se acham presentes no organismo desde o nascimento; comportamentos sincréticos são aqueles aprendidos, mas presos ao determinismo da espécie. Diferentemente de um estímulo condicionado, para qualquer espécie viva é de se esperar uma regulação diferente da encontrada nos sistemas físicos, sendo esta regulação, por si só, dotada de uma significação vital. As estruturas do comportamento simbólico, ou formas simbólicas, são próprias da espécie humana e são elas que possibilitam o estabelecimento de uma relação entre corpo e objeto como *estrutura coisa*, ou seja, uma relação para além dos limites *a priori* biológicos.

Merleau-Ponty nomeia de fé perceptiva. A esse modo pré-reflexivo de nos relacionarmos com o mundo, o filósofo atribui como sendo uma atitude natural. E é justamente a esta atitude natural que o filósofo propõe retornar para encontrar a origem do sentido, do entendimento sobre o modo como a consciência apreende a si mesma, ao mundo e se relaciona espontaneamente com ele.

No empreendimento merleau-pontyano em direção a uma teoria da linguagem, em *Fenomenologia da Percepção*, ressaltamos o poder do *corpo fenomenal* de transcender-se para além dos seus dispositivos anatômicos, trazendo à tona, no seu movimento, mais do que a materialidade dos dados dos sentidos. Desta perspectiva, ao mesmo tempo em que aprofundamos a compreensão sobre a passagem do gesto silencioso à fala como movimentos expressivos do corpo (PhP, p. 231,269), procuramos ligar dois mundos aparentemente disjuntos: o dos ‘falantes’ e o daqueles que não usam a voz e a audição para se comunicarem. Para tanto, abrimos os horizontes da linguagem e levamos em consideração o modo existencial particular do mundo dos surdos, cuja estrutura primordial de significação é compartilhada pelos ‘falantes’: o *corpo próprio*, ou seja, *nosso meio geral de ter um mundo*.

Para o Merleau-Ponty, a noção de corpo fenomenal, ou *corpo próprio*, exprime o movimento de transcendência do corpo - dotado ao mesmo tempo de interioridade e exterioridade -, ou seja, exprime o corpo que aparece para si próprio e, ao mesmo tempo, faz aparecer o mundo. Como estrutura metafísica, esse corpo é uma totalidade qualificável como *poder de expressão* de uma atitude corporal intencional concretizada nos gestos linguísticos e que vem acompanhado de uma inteligibilidade, enquanto algo que se movimenta no espaço. Por si só, esses movimentos são dotados de significação e não recorrem a nenhuma elaboração mental. Tal como no mundo percebido, no qual as distâncias e os ângulos que aproximam o sujeito das coisas - e delas o separam - não implicam na necessidade de qualquer cálculo matemático para que o deslocamento se realize, como gestos linguísticos, as falas são casos do *poder do corpo* de recorrer às suas potencialidades para organizar um meio significativo.

Ao dispensar uma representação intelectual prévia ao movimento do corpo, na fala – como seu meio expressivo – o engajamento da consciência precede a *elaboração intelectual de sentido*. “O gesto linguístico, como outros tantos, desenha, ele mesmo, seu sentido” (PhP, p.217, 253). Sob este ponto de vista, ao ato da fala é restituído aquilo que o filósofo denomina de sua verdadeira fisionomia, que envolve fala e pensamento um no outro e que fixa o sentido na fala: “o sentido está enraizado na fala” (PhP, p. 212, 247).

Pela fala e pelo sentido imanente ao gesto linguístico, o campo fenomenal da percepção expande-se para além da função indicativa do gesto, na relação entre o homem e o mundo sensível: a percepção natural. “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’” (PhP, 216, 253). A noção da fala como expressão revela que o *signo não indica apenas sua significação*, mas que o primeiro é habitado pelo segundo, no sentido de que o *momento do corpo* exprime as modalidades de existência e contrapõe-se à noção clássica de expressão "como a tradução, em um sistema arbitrário de signos, de uma significação para si já clara" ²¹.

Na comunicação estabelecida por meio da fala como signo natural, sentido e gesto compartilham um modo de ser comum no plano das emoções, tal como acontece na poesia, que exprime, nas palavras, uma essência emocional. E é justamente por isto que se compreende que “o sorriso, o rosto distendido, a alegria dos gestos contém realmente o ritmo de ação, o modo de ser no mundo que são o próprio júbilo” (PhP, p.217, 254). Se a fala como gesto exprime emoções e fornece o ritmo das ações, ou intencionalidade em direção aos objetos e ao outro na comunicação, então na fala, como signos convencionais, deve-se pressupor uma comunicação prévia, a comunicação gestual. Caso contrário, se é obrigado a admitir que o sentido conceitual das palavras é arbitrário e que, portanto, seria possível transcrever-se o sentido pleno das palavras de uma língua para outra.

Para Merleau-Ponty,

[...] não existem signos convencionais, simples notação de um pensamento puro e claro para si mesmo, só existem falas nas quais se constrói a história de toda uma língua, e que realizam a comunicação sem nenhuma garantia, no meio de incríveis acasos linguísticos (PhP, p.219, 255).

Aqui é preciso esclarecer que, ao se descartar a escolha arbitrária entre o signo verbal e sua significação, não se está circunscrevendo o gesto à função indicativa de uma relação do homem com o mundo sensível, o que seria negar, em princípio, uma significação imanente à palavra. Ao contrário de um pensamento puro e claro por si mesmo, na fala como gesticulação verbal, a intencionalidade do gesto visa a uma “paisagem mental” que, justamente por não ser

²¹ Para Merleau-Ponty, seja no empirismo ou intelectualismo, como operação de expressão, a linguagem seria apenas um acompanhamento exterior do pensamento. Num ou noutro enfoques, a palavra se constituiria num invólucro inerte do pensamento; não *teria sentido algum*. Na explicação da fala, seja como mecanismo fisiológico ou psíquico, os *sons e os fonemas por si mesmos não querem dizer nada; falar é unir-se ao objeto por uma representação ou uma intenção de conhecimento*. Ela é apenas um fenômeno articular, sonoro, ou a consciência desse fenômeno. *Na primeira concepção, estamos aquém da palavra enquanto significativa; na segunda, estamos além — na primeira, não há ninguém que fale; na segunda, há um sujeito, mas ele não é o sujeito falante, é o sujeito pensante* (PhP, p 205, 241). Nosso leitor poderá, adicionalmente, consultar Muller (2001), para complementar o entendimento sobre a noção de corpo próprio e expressividade do corpo simbólico.

dada a todos, cabe ao gesto a função de comunicar. Portanto, se o gesto é capaz de fornecer acesso para além do mundo natural, é porque “o que a natureza não dá, a cultura o fornece” (PhP, p.217, 253).

Para Merleau-Ponty, na comunicação, as falas anteriores compartilhadas, as significações já disponíveis, os atos expressivos anteriores é que possibilitam o compartilhamento de um mundo comum na “fala atual e nova”, originária de sentido, que é a *fala falante*. As convenções linguísticas devem ser entendidas como secundárias, e tardiamente construídas, na cadeia de significações adquiridas a partir das primeiras comunicações estabelecidas entre o primeiro homem que falou e o segundo, intencionado pelo primeiro, na comunicação gestual.

A admissão de que a significação conceitual esteja presente na fala, situação em que a intenção significativa encontra-se em estado nascente, como é o caso da *fala falante*, não elimina a possibilidade de existência de outra forma de uso da linguagem. Merleau-Ponty identifica como *fala falada* aquela na qual existe uma intenção intelectual antes da sua formulação pela fala, secundária em relação à primeira, a *fala falante*. (PhP, p. 229, 266). No seu uso, o sujeito não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento (PhP, p.209, 244-245). Nas situações entendidas como criadoras de sentido, gestos e palavras utilizam o poder do corpo para organizar um meio significativo e *comportamentos criam significações*. Novas significações sedimentam-se no tempo e significações adquiridas alimentam novas significações, sendo este o modo de comunicar pela *fala falada* e pela *fala falante*. Assim,

...temos o poder de compreender para além daquilo que espontaneamente pensamos. Só podem falar-nos uma linguagem que já compreendemos, cada palavra de um texto difícil desperta em nós pensamentos que anteriormente nos pertenciam, mas por vezes essas significações se unem em um pensamento novo que as remaneja a todas, somos transportados para o centro do livro, encontramos a fonte (PhP, p. 208, 243).

Tal forma de sedimentação da *fala falante* e o uso recorrente da *fala falada* na construção de novas significações acabam por dar a ilusão de que existe uma "vida conceitual da consciência independente das habilidades de expressão" (FERRAZ, 2008, p. 55).

A admissão de que a fala possa conter em si um sentido gestual e que este fenômeno anteceda à fala como signos convencionais está fundamentada na versão modificada das teorias sobre a afasia, apresentada em casos clínicos na *Fenomenologia da Percepção*. Nela, o sentido liga-se ao gesto e a expressão das emoções às próprias emoções, assim como se

evidencia o caso de uma moça que, proibida de rever o ser amado, perdeu o sono, o apetite e, finalmente, o uso da fala (PhP p. 187, 221-223).

Para Merleau-Ponty, “se a emoção escolhe exprimir-se pela afonia, é porque a fala é, dentre todas as funções do corpo, a mais estreitamente ligada à existência comum ou, como diremos, à coexistência” (PhP, p.187, 222). O caso acima, como tantos outros tratados por Merleau-Ponty, permite compreender que, se à primeira vista as manifestações de afasia apresentam-se como decorrentes da falta de articulação da palavra, ao final elas se revelam como decorrentes da perda de uma linguagem intencional, e não da falta da palavra.

Assim, nos casos de afonia considerados por Merleau-Ponty, o silêncio não se confunde com a representação de uma recusa de falar, mas é a própria manifestação corporal da recusa de comunicação com o mundo. Nesse sentido, no ato de expressão não existem pensamentos ou sentimentos a serem traduzidos de dentro para fora pela palavra, tal como se houvesse uma correspondência direta entre significação e signo. Antes da palavra ser *um signo de objeto e das significações*, ela habita as coisas, consome um pensamento naquele que fala e, do mesmo modo, aquele que ouve compreende para além do que pensa (PhP, p.207, 242). À luz da fenomenologia merleau-pontyana, pensar é uma experiência enquanto expressão de uma fala interior ou exterior. Nesse sentido, um pensamento sem fala e sem comunicação cairia na inconsciência logo que surgisse, não existiria nem “para si”. “A palavra traz o sentido e, impondo-o ao objeto, tenho consciência de atingi-lo” (PhP, 207, 242). É pela compreensão da palavra como expressão que a *consciência aprende algo*.

O uso do corpo transcende ao corpo biológico e a expressão das emoções nos gestos resulta da *enformação* do corpo ao mundo das emoções (PhP, p.220, 257). O sentido da palavra brota do encontro entre o sensível e o cultural. Deve-se falar de sentido para sujeitos em situação, sujeitos que compartilham de um mundo cultural ao qual já pertencem quando vem ao mundo. Nos movimentos intencionais voltados ao mundo dos objetos e ao outro retoma-se o pensamento do outro, pensa-se *segundo o outro* e se enriquece o próprio pensamento. “É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de ‘naturais’ e um mundo cultural ou espiritual fabricado” (PhP, p.221, 257).

É, portanto, desta perspectiva que respondemos às indagações de Sacks se a linguagem desenvolve-se de modo natural ou se requer contato com outros seres humanos, e se existiria uma identidade orgânica radicalmente diferentes entre as línguas falada - a que faz uso da voz e do ouvido para se comunicar -, e de sinais, mencionadas na primeira parte deste ensaio.

A despeito das diferenças na experiência de aquisição de linguagem existentes entre surdos e não surdos, compartilhamos com Merleau-Ponty a concepção de que a “nossa posse do mundo é do mesmo gênero, à exceção de que se pode conceber um sujeito sem campo auditivo, mas não um sujeito sem mundo” (PhP, p. 379, 440). O que não podemos entender é de que modo poderia existir uma fala sem corpo, como supôs Sacks (2013)²².

Com gestos verbais - ou comportamentos instituídos através do corpo fenomenal ou corpo próprio, tanto surdos como ‘falantes’ compartilham *um meio geral de ter um mundo*, uma estrutura comum de significação que habita o sentido emocional - o sentido gestual -, que é anterior ao pensamento ou aos signos convencionais. O mundo é a fonte primordial de significação e as diferentes experiências linguísticas são construídas segundo diferentes modos de expressão do corpo na sua relação com o mundo sensível ou cultural, ao longo das histórias de interações em uma dada comunidade.

No que se refere à indagação de Sacks acerca de possíveis explicações baseadas em uma origem biológica para as diferenças entre as línguas falada e gestual, entendemos que a posição de Merleau-Ponty seria contrária à ideia de haver um corpo natural/biológico ao qual se sobrepõe a palavra – escrita ou falada – ao gesto.

É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de "naturais" e um mundo cultural ou espiritual fabricado. No homem, tudo é natural e tudo é fabricado, como se quisesse, no sentido em que não há uma só palavra, uma só conduta que não deva algo ao ser simplesmente biológico — e que ao mesmo tempo não se furte à simplicidade da vida animal, não desvie as condutas vitais de sua direção [...] Os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico, e todavia imanentes ao comportamento enquanto tal, já que este se ensina e se compreende. Não se pode fazer economia desta potência irracional que cria significações e que as comunica. A fala é apenas um caso particular dela (PhP, p.221, 257).

Uma vez admitindo-se que fala e linguagem são fenômenos da expressividade do corpo próprio ligados à existência comum - ou à coexistência – descarta-se a possibilidade de que pessoas isoladas e retiradas da convivência familiar e social possam desenvolver uma linguagem naturalmente. Se, por sua vez, a linguagem não é um acompanhamento exterior do pensamento, tampouco se pode deduzir que sua ausência [da linguagem] caracterizaria uma incapacidade intelectual, como se um fosse a causa (o pensamento) e a outra o seu efeito (a linguagem). Como consequência, a razão como palavra, ou a palavra como razão, podem ser relegados a um plano secundário, ao se entender que

²² Consulte a página 12 deste ensaio.

é na experiência do mundo que todas as nossas operações lógicas de significação devem fundar-se, e o próprio mundo não é portanto uma certa significação comum a todas as nossas experiências, que leríamos através delas, uma ideia que viria animar a matéria do conhecimento (PhP, p.379, 440).

À luz da *Estrutura do Comportamento* e a partir da noção de estrutura, toda manifestação corporal humana expressa um nível de organização que ultrapassa o caráter imediato das situações em que o organismo se encontra, sendo esta forma de organização - a forma simbólica de comportamento - distintiva do humano. Já em *Fenomenologia da Percepção*, a função simbólica é retomada para compreensão de como se dão as relações do corpo com o mundo e com o outro, trabalhadas a partir das noções do corpo próprio, fala e linguagem. Precisamos avançar nossas reflexões a respeito do corpo próprio para compreendermos sob que aspectos fenomenológicos podemos admitir que a falta de uma língua implica no exercício de uma linguagem apegada aos aspectos concretos e imediatos da experiência. Trabalhamos, a seguir, com as noções de esquema corporal, espacialidade do corpo próprio, motricidade e síntese temporal, extraídas da *Fenomenologia da Percepção*.

A DIMENSÃO EXISTENCIAL E SIMBÓLICA DO GESTO E A ESPACIALIDADE DO CORPO: QUEBRANDO MITOS DO MUNDO DOS SURDOS

Até aqui foi possível compreender que é pela fala e pelo sentido imanente ao gesto linguístico que o campo fenomenal da percepção expande-se para além da função indicativa do gesto na relação entre o homem e o mundo sensível, a percepção natural. Na relação do corpo com o mundo cultural, fala e linguagem são fenômenos ligados à existência comum - ou à coexistência, sendo as diferentes experiências linguísticas construídas segundo diferentes modos de expressão do corpo ao longo das histórias de interações em uma dada comunidade.

Com Merleau-Ponty, entendemos que, como gestos linguísticos, as falas são casos de poder do corpo que recorre às suas potencialidades, ao *eu posso*, de modo a organizar um meio significativo. No movimento realizado por meio do *corpo próprio*, o gesto linguístico é *um modo de ser no mundo* e precede a *elaboração intelectual de sentido*. Essa *motricidade*, entendida enquanto *intencionalidade originária*²³, não está submetida a uma consciência em

²³ Merleau-Ponty refere-se à motricidade como movimento intencional do corpo no espaço enquanto relação de ligação entre corpo próprio e objeto. “No gesto da mão que se levanta em direção a um objeto está incluída uma referência ao objeto não enquanto objeto representado, mas enquanto esta coisa bem determinada em direção à

si mesma e é o modo do corpo fenomenal situar-se no mundo e apropriar-se das coisas, ao se projetar em direção a elas.

A noção merleau-pontyana de *motricidade* do corpo implica não somente na negação de uma ideia de espaço objetivo e de um tempo cronológico, como também permite avançar na compreensão do gesto linguístico em sua dimensão existencial e simbólica. Como expressões do corpo, fala/palavra e emoções não são representações, não preexistem como pensamento, já que nem o espaço nem a fala são representados para que o corpo se movimente no espaço, ou para que, por meio da fala como gesto fonético, se pronuncie algo. “Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por “representações”, sem subordinar-se a uma “função simbólica” ou ‘objetivante’” (PhP, p. 164, 195). Consciência e corpo são contemporâneos enquanto *ser no mundo*.

No movimento em direção ao sentido, o corpo fenomenal realiza-se em sua totalidade, formando um sistema cujas partes, ou funções, não se apresentam isoladamente, totalmente envolvidas que estão no gesto. “Não há uma percepção seguida de um movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo” (PhP p. 129, 160).

Ao se projetar por inteiro no espaço como uma totalidade, o corpo próprio o assume inteiramente, enquanto sensibilidade e motricidade figuram-se como momentos inseparáveis da experiência perceptiva e simbólica. Assim, todos os sentidos estão ligados entre si, não podendo ser reduzidos a si mesmos, vale dizer, é impossível, no horizonte da experiência do sujeito engajado no mundo, isolarem-se os diferentes sentidos a cada acontecimento.

A visão dos sons ou a audição das cores se realizam como se realiza a unidade do olhar através dos dois olhos: enquanto meu corpo é, não uma soma de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico do qual todas as funções são retomadas e ligadas no movimento geral do ser no mundo, enquanto ele é a figura imobilizada da existência (PhP, p. 270, 314).

Conforme a descrição fenomenológica do corpo, mais que corpo biológico e objetivo, o corpo próprio é dotado de uma estrutura metafísica, virtual e é “o lugar, ou melhor dizendo, a própria atualidade do fenômeno de expressão” (PhP, p. 315, 271). Como lugar, o corpo fenomenal é espacial e está situado e orientado de sorte que, em seu movimento, o “corpo habita o espaço (e também o tempo) retomando-os em sua significação original” (PhP p. 119, 149). Como poder natural de expressão, ao projetar uma intenção, o corpo retoma atitudes

qual nos projetamos, perto da qual estamos por antecipação, que nós frequentamos” (PhP, pp. 160-161, 192-193).

antigas, transformando-as em movimento efetivo em direção ao objeto. Como um sistema prático, *o espaço corporal é o fundo sobre o qual o objeto aparece como figura* resultante da ação intencional em sua direção.

No movimento intencional em direção ao sentido, os gestos expressivos realizados na fala retomam atos do passado, reconstituídos na forma como o corpo os utiliza no presente. O corpo “...desdobra em panorama do passado a atitude antiga que ele retoma, projeta uma intenção de movimento em movimento efetivo...” (PhP, p. 211,247). A admissão da potência de significação da fala que lhe é própria implica que, longe de se constituir numa *vestimenta do pensamento*, a fala torna-se a presença no mundo sensível, *seu emblema, seu corpo* (PhP, p. 211, 247).

No movimento do corpo no espaço, do gesto linguístico nasce toda significação, revelando, a verdadeira fisionomia do ato. Nessa direção, é possível compreender um gesto de cólera sem que seja preciso pensar sobre o sentimento experimentado ao vivenciá-la (PhP, p. 215, 251). Sejam emocionais ou fonéticas, as expressões do corpo são modulações deste, ou formas de sua organização na experiência.

O gesto fonético realiza, para o sujeito falante e para aqueles que o escutam, uma certa estrutura da experiência, uma certa modulação da existência, exatamente como um comportamento de meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim e para o outro, de uma certa significação (PhP, p. 225, 262).

O espaço forma um sistema prático e é na ação, em situação, na existência, que a espacialidade do corpo se realiza. Na sua busca por significações do passado - gestos adquiridos ou significações já disponíveis - o corpo intenciona algo presente no mundo e *a fala rompe o silêncio*, realizando o *milagre da expressão*. Dessa maneira, “as significações disponíveis entrelaçam-se repentinamente segundo uma lei desconhecida, e de uma vez por todas um novo ser cultural começou a existir” (PhP, p. 213, 249).

Sem abandonar seu lugar temporal e espacial, o corpo próprio expressa um *nó de significações vivas e sua maneira de ser fundamental* (PhP, p.176, 209). Como um conjunto de *significações vivas*, o passado se faz presente numa nova configuração do corpo, inaugurando um novo nó de significações. Como um “poder de responder por um certo tipo de soluções a uma certa forma de situações” (PhP, p.166, 197), a aquisição do hábito, o remanejamento e a renovação do esquema corporal, permitem ao sujeito ir ao encontro de uma nova significação para sua existência. Sob essa perspectiva de entendimento da forma em que se adquire o hábito, é o corpo, como mediador do mundo, que compreende. *Esse corpo é*

eminentemente um espaço expressivo na medida em que, ao passar de um sentido próprio - de conservação da vida - para um sentido figurado - como meio geral de ter um mundo por meio do corpo e de seu poder de expressividade - é criado um novo núcleo de significação. No plano das significações, a passagem de situações concretas para situações abstratas equivale à passagem do *momento atual para uma certa virtualidade*, ao poder do corpo fenomenal de se colocar em situações imaginárias e de ‘olhar’ segundo o vetor temporal (PhP, p.157,189).

Dos relatos de Sacks apresentados na primeira parte deste texto, foram apontadas diferenças significativas na passagem do mundo natural, de conservação da vida, para o mundo simbólico, ou passagem do sentido próprio para o figurado pela língua de sinais, bem sucedida nos casos da Charlotte e da comunidade surda de Martha's Vineyard, que desde cedo puderam dispor de uma língua de sinais, e com grandes dificuldades e limitações para transposição de um mundo ao outro nos casos do Joseph, Massieu e Ildefonso que, por um tempo, viveram em situação de isolamento e não dispuseram de uma língua de sinais.²⁴

Ao descrever a natureza e particularidade da língua de sinais, Sacks destaca o uso linguístico do corpo e do espaço como sua *característica notável*, assim como fica ressaltada no seu relato a complexidade expressiva deste uso.

Que diferenças existiriam no uso do corpo e do espaço pelos sujeitos das experiências relatadas, que permitiriam compreender os diferentes usos desse corpo enquanto formas de expressão e de inserção no mundo humano?

Se a falta do sentido da audição não explica a experiência empobrecida de Joseph, ser no mundo, e se ele não se encontrava limitado para a realização de movimentos concretos no espaço, o que faltava a ele para fazer a transposição do mundo natural ao conceitual? Tomando como referência as noções de *motricidade*, *espacialidade* e *vetor temporal* como estruturas metafísicas do corpo próprio, permitimo-nos admitir que o que o impedia de sair da efetividade do presente - quando lhe eram formuladas perguntas ou apresentadas ideias sobre o futuro, por exemplo - não era a dificuldade de ‘olhar’ segundo o vetor temporal, como encontramos em Sacks (2013): o futuro e o passado eram prolongamentos "encolhidos" do presente de Joseph e não lhe serviam de apoio para recompor, a partir das partes, o todo, de sorte a encontrar a unidade do sentido no presente. Ao mesmo tempo, reconheceu-se em Joseph uma inteligência visual e uma habilidade notáveis para resolver problemas visuais e quebra-cabeças. Portanto, ele não só conseguia se colocar na situação presente do jogo, manifestar uma conduta adequada às situações do jogo, como, também, se colocar

²⁴ A partir deste ponto do texto, na medida em que os pontos a serem destacados são comuns a estes três casos, passamos a nos referir apenas a um deles, no caso, ao de Joseph.

virtualmente em situações futuras relacionadas às regras do jogo. Em situações de jogo, Joseph revelava em sua conduta tanto formas de comportamento amomíveis como simbólicas, específicas do comportamento humano. Joseph realizava, sem problemas, a síntese do tempo, ou seja, estava capacitado para colocar-se no presente, em situações concretas e abstratas, para executar movimentos já realizados no passado, reorganizar seu esquema corporal frente a situações presentes e para recorrer às sínteses efetuadas anteriormente e preservadas na memória para poder lançar-se ao futuro enquanto função anônima.

Abaixo da inteligência e abaixo da percepção descobrimos uma função mais fundamental, ‘um vetor móvel em todos sentidos’ [...] que a vida da consciência — vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva — é sustentada por um ‘arco intencional’ que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral, ou antes que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos. É este arco intencional que faz a unidade entre os sentidos, a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade (PhP, p.158, 189-190).

Como discorremos, apoiados em Merleau-Ponty, vida da consciência e vida perceptiva não são fenômenos disjuntos. O sentido não se separa da existência. O corpo não é uma ideia, mas estrutura primordial de significação, meio geral de ter um mundo não como objeto mas como coisa.

A esta compreensão acrescentamos que a presença do mundo anterior a nós é *inalienável*, tudo que sabemos sobre ele decorre da nossa experiência no mundo (PhP p. III, 3). A fenomenologia da percepção faz referência ao mundo vivido e intersubjetivo no qual a fala está instituída. Na corrente comunicativa, *para todas essas falas banais*, possuímos em nós mesmos significações já formadas que supõem já realizadas as significações capazes de suscitar em nós pensamentos secundários. A surdez e o isolamento consequente em que foi encerrado colocaram Joseph em uma posição de *espectador mal situado no teatro* (no mundo) já que privado do compartilhamento de uma fala instituída, presente na língua de sinais. Ocorre que fala e linguagem são fenômenos ligados à existência comum - ou à coexistência - no âmbito da relação do corpo com o mundo cultural. As diferentes experiências lingüísticas são construídas segundo diferentes modos de expressão do corpo ao longo das histórias de interações em uma dada comunidade. Aqui se coloca o problema do outro como um sujeito encarnado e em situação, mas que não se resolve pela simples comunicação de conteúdos, já que não compartilhamos ideias ou pensamentos feitos. O problema se coloca, pois, sob a perspectiva transcendental da estrutura. Entre objetos culturais e o outro como um dentre

aqueles objetos, Joseph era um mero espectador. No âmbito da linguagem, além de possuímos um corpo sensorial somos corpos portadores de certos estilos e condutas objetivantes, as quais compartilhamos na nossa relação cultural com o mundo. Para Merleau-Ponty (1988)²⁵, o “mérito da Gestallpsychologie é por em evidência a percepção do outro não como uma construção intelectual mas como contato direto com o outro” (RCS, p.296).

Como a criança que ainda não adquiriu a fala, Joseph não conseguia colocar-se *em um certo tipo situação*, numa *gestalt comum*, para reconhecimento de um certo estilo, *uma certa organização do sistema de signos* que possibilitasse que ele se instalasse no diálogo com o outro.

Quando uma criança não sabe falar ou quando ainda não sabe falar a linguagem do adulto, a cerimônia linguística que se desenrola ao seu redor não tem poder sobre ela, ela está perto de nós como um espectador mal situado no teatro, ela vê muito bem que nós rimos, que gesticulamos, ela ouve a melodia fanhosa, mas não há nada ao final desses gestos, atrás dessas palavras, para ela nada acontece. A linguagem adquire sentido para a criança quando constitui situação para ela. (PhP, p. 459, 537).

Se, do ponto de vista fenomenológico da fala, a função motora não é separada da função simbólica e o contato com o mundo humano acontece pela união entre corpo e consciência - entre espaço corporal e objetivo -, do ponto de vista do comportamento simbólico, o outro desponta no meu campo como um segundo espectador a perceber meu próprio mundo. Assim, *quando um homem adormecido entre meus objetos começa a dirigir-lhes gestos, usá-los*

...o espetáculo acaba por atribuir-se um espectador que não sou eu e que é copiado de mim. Tudo está preparado em mim para acolher esses testemunhos do outro. Ele abre os olhos, faz um gesto em direção a seu chapéu caído ao lado dele e o pega para proteger-se do sol. O que finalmente me convence que meu sol é também dele... (PM, p. 222)

Ao discorrer sobre a relação com o outro pela fala Merleau-Ponty (2012) esclarece que *não se trata de um acidente proveniente de fora em direção a um puro sujeito do conhecimento*, mas de uma *relação carnal com o mundo e o outro*. É de nossa corporeidade, e não de um ato absoluto e único, que significações podem ser transferíveis e compartilhadas, tornando possível uma situação comum. Na experiência do diálogo, a fala do outro como um

²⁵ A partir deste ponto de nossa reflexão, introduzimos algumas passagens da obra *Prosa do Mundo* (PM) e *Resumo de Cursos de Sorbonne* (RCS), no que dizem respeito a experiência do outro, que julgamos esclarecedoras daquilo que o autor já apresentava nas duas obras em referência neste ensaio: SC e PhP.

gesto particular toca nossas significações do mesmo modo que as nossas falas tocam nele suas significações, isto na medida em que partilhamos um mundo cultural e uma língua e nossos atos de expressão e os do outro pertencem a mesma instituição. São as significações disponíveis numa dada cultura que permitem aventurarmos no *mundo misterioso da linguagem*. Na trama do diálogo, significações disponíveis são compartilhadas, a fala falada, mas indo além das significações já compartilhadas, pensamentos já formados são transformados em novas significações na fala que seriam impossíveis de se realizarem sem a presença do outro.

a fala do outro desperta em mim pensamentos já formados, mas também me arrasta num movimento de pensamento do qual eu não teria sido capaz sozinho, e me abre finalmente para significações estranhas. É preciso assim que eu admita, aqui, que não vivo somente de meu pensamento, mas que, no exercício da fala, me torno aquele que escuto (PM, pp.197-198)

Por meio de significações já adquiridas e dos gestos fonéticos já compartilhados é que o gesto verbal transcende para um comportamento novo; que uma certa maneira de utilizar o corpo é investida de sentido figurado para significar fora de nós (PhP, p. 226, 263). Como um “jogo” da comunicação, a linguagem envolve o emprego de regras confirmadas (signos) mas não se restringe a elas. Existem outras regras a serem confirmadas. Para Merleau-Ponty, “o interlocutor, à medida que compreende supera o que já sabe; os sentidos da tal linguagem estão abertos; ela exprime, comunicando, um movimento de pensamento” (RCS, p. 314). Não existem garantias na comunicação. As possibilidades de sentido estão abertas. Devemos admitir que, na busca pela expressão, *só há significações por movimento, a princípio violento, que ultrapassa toda significação*. Assim como na leitura, é preciso que, por um certo momento, as significações do autor me escapem, assim, também é preciso, na comunicação com o outro, que seu comportamento, diferente do meu na relação com as coisas do meu mundo, revele um certo estilo como misterioso.

Com Maurice Merleau-Ponty, entendemos a linguagem como fenômeno da comunicação que se realiza num esforço de interpretação por parte dos interlocutores, constituindo-se num movimento constante em direção ao conhecimento, sem nenhuma garantia prévia de alcançá-lo, ou mesmo sem alcançá-lo. Assim como no caso da percepção, o *ser da linguagem* nunca nos é revelado inteiramente: *a linguagem é feita de gestos que não se perfazem sem alguma negligência*. Em *Prosa do Mundo*, no capítulo dedicado à Percepção do outro e o diálogo, Merleau-Ponty (2012, p. 229) reconhece, no sujeito para o qual há estruturas e situações, a existência de uma corporeidade anônima, uma pertença comum a um

mesmo mundo, uma *comunidade do ser*, mas, também, uma produtividade nos atos expressivos, que o faz pertencer a uma *comunidade do fazer*. A língua comum falada numa dada comunidade é a corporeidade anônima partilhada entre seus membros. Tomada em seu estado nascente, é como se a fala e aos gestos expressivos estabelecessem uma situação comum que, ao mesmo tempo, é *comunidade do ser e do fazer*.

Entre o gesto “natural” (se é possível encontrar um só que não suponha ou não crie um edifício de significações) e a fala, a diferença é que aquele mostra objetos dados noutra parte aos nossos sentidos, ao passo que o gesto de expressão, e em particular a fala, é encarregado de revelar não apenas relações entre termos dados noutra parte, mas também os próprios termos dessas relações (PM, p. 229)

Para Merleau-Ponty, o fundo comum de nossos gestos e palavras, que se encontra sedimentado na cultura, foi, antes, realizado por nossos próprios gestos e palavras. Entendida como *fala conquistadora*, é justamente *ela que torna possível a fala instituída, a língua*.

No caso do Joseph, podemos admitir que as possibilidades de comunicação dependiam de um instrumento de passagem da relação primordial do corpo com sua fala para uma fala como um outro em geral, como generalidade, como uma corporeidade anônima partilhada, que a língua de sinais poderia lhe oferecer. As possibilidades de transcendência do corpo em direção ao outro, e sua relação de sincronização com o outro, dependiam do domínio de uma língua de sinais, já que o jogo da linguagem, como comunicação, implica no acatamento das regras iniciais do jogo por parte dos interlocutores. No diálogo, a formulação de perguntas, as histórias contadas e as ideias sobre o futuro são parte deste movimento de transcendência em direção ao outro que dá início ao jogo. A fala instituída é capaz de nos arremessar muito além do outro e de nós mesmos, já que a fala é, por si só, dotada de sentido para despertar em nós novas significações, novos pensamentos, assim como nossa fala é capaz de tocar o outro e modificar seus pensamentos. Aqui nos permitimos acrescentar que o jogo estaria no começo das possíveis histórias de significações por contar por parte do Joseph. Se a língua de sinais apresenta-se como *possibilidades*, os *sentidos da tal linguagem estão abertos*. Ratifica-se aqui o ponto de vista de Merleau-Ponty, de que a linguagem envolve o emprego de regras confirmadas (signos), não se restringindo, entretanto, a elas. As considerações de Silva (2014) - sobre a insuficiência dos fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da Libras para compreensão do diálogo no mundo dos surdos, diante da importância do “não dito” presente na fala, notadamente no que se referem a uma certa maneira de usar o corpo, *um certo estilo* revelado no dito e não dito - vão ao encontro dos aspectos fenomenológicos da fala e da linguagem em Merleau-Ponty. Tal constatação

permite reafirmar que vida perceptiva, vida emocional, vida do desejo, pensamento e linguagem são domínios que não se separam no conjunto dos comportamentos realizados na busca pela expressão entre ator e espectador que assiste ao espetáculo. A construção do significado se faz no próprio ato de expressão e nada está garantido na apropriação do significado senão a expressão no momento em que se consuma. Não há pensamento que prescindia da linguagem, assim como não há comunicação que prescindia de um corpo e sua expressividade. Se corpo é sua tomada de posição diante do mundo e do outro, a busca pela significação no diálogo é uma intenção, um motivo que anima nosso corpo.

Mas nosso corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros. Este é apenas o corpo constituído. Ele é a origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos. Se nosso corpo não nos impõe, como o faz ao animal, instintos definidos desde o nascimento, pelo menos é ele que dá à nossa vida a forma da generalidade e que prolonga nossos atos pessoais em disposições estáveis..... O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação (PhP, p.171, 202-203)

CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DOS GESTOS DE SIGNIFICAÇÃO NO MUNDO DOS 'FALANTES' E SURDOS

...E o verbo se fez carne e habitou entre nós

Os relatos de experiências de pessoas acometidas pela surdez, extraídos de *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, de Oliver Sacks (2013), foram aqui tomados como referência para construirmos, ao logo de nossa reflexão, um argumento em favor de uma significação existencial e simbólica da fala, que a habita e é inseparável dela, e que é anterior à sua significação conceitual. Nosso trajeto tomou como base a *Estrutura do Comportamento* (1942) e a *Fenomenologia da Percepção* (1945), de autoria do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty.

Sob enfoque da *Estrutura do Comportamento*, e a partir da noção de estrutura, argumentamos a favor da forma simbólica identificável como própria da organização e do comportamento humanos. Nesse sentido, defendemos que toda manifestação corporal humana

ultrapassa o caráter imediato das situações em que o organismo se encontra, sendo esta forma de organização, a forma simbólica de comportamento, distintiva do humano. À luz dos aspectos fenomenológicos do corpo, da fala e da linguagem extraídos da *Fenomenologia da Percepção* restituímos ao corpo e à fala a primazia do sentido lingüístico na compreensão da linguagem. No percurso, argumentamos em favor de um sentido imanente ao corpo e buscamos restituir à fala seu valor de gesto que já contem seu sentido. Ainda, com base na *Fenomenologia da Percepção* defendemos que a fala não é uma veste do pensamento; que a palavra e o conceito de consciência não equivalem à aquisição de linguagem e que, a despeito das diferentes modalidades de existência, palavras e ideias são acontecimentos de uma história, de uma situação, de uma certa modulação do corpo enquanto ser no mundo; que palavras e ideias são potência motora adquirida como experiência do corpo e do uso de seus campos perceptivos e práticos em situação e no esforço de expressão, seja numa primeira experiência silenciosa do mundo seja na comunicação com outrem. Ainda, no âmbito da *Fenomenologia da Percepção* trabalhamos com a noção de linguagem como uma dentre outras manifestações de expressividade existencial e simbólica do corpo e, ao nosso ver, como aspectos singulares da estrutura e da fenomenologia do corpo humano que nos permitiram identificar uma base comum da comunicação de ‘falantes’ e surdos. Como gestos simbólicos, o uso da linguagem pelos surdos ajudou-nos a compreender a essência da fala pela voz: a gestualidade da linguagem. Porém, fica descartada a possibilidade de se fazer uso da linguagem sem um corpo. O corpo é o meio de conhecer o mundo, o outro, e a si mesmo. Compartilhamos com Merleau-Ponty o entendimento de que nosso corpo não é um objeto, e nem a consciência que temos dele é um pensamento puro: sua unidade é sempre implícita e confusa (PhP, p. 269). Também com ele compartilhamos o entendimento de que a inserção do sujeito num mundo pré-objetivo através de um corpo animado - ou vivido - é anterior a qualquer elaboração mental. Como um sistema sinérgico cujas funções são naturalmente ligadas num movimento geral de ser no mundo (PhP, p. 270, 314), esse corpo fenomenal abre-se para o seu exterior na forma de uma estrutura metafísica, por meio da qual o ser humano realiza sua operação primordial de sentido e história.

Assim como, no sujeito que ouve, a ausência de sons não rompe a comunicação com o mundo sonoro, da mesma forma num sujeito surdo e cego de nascença a ausência do mundo visual e do mundo auditivo não rompe a comunicação com o mundo em geral, há sempre algo diante dele, o ser para decifrar, uma *omnitudo realitatis*, e essa possibilidade é fundada para sempre pela primeira experiência sensorial, por mais estreita ou por mais imperfeita que ela possa ser. [...] É na experiência do mundo que todas

as nossas operações lógicas de significação devem fundar-se, e o próprio mundo não é, portanto, uma certa significação comum (PhP, p. 379, 440).

A fala é a tomada de consciência do sujeito no mundo de suas significações, entendendo-se esse *sujeito pensante, fundado no sujeito encarnado*. A partir dessa compreensão é possível extrair que a existência se realiza num corpo cujas dimensões vão além de sua fisiologia. Em continuidade a esse raciocínio, entendemos também que, por transcenderem a fisiologia, tais dimensões não permitem separar *o sentido do gesto das palavras*, do signo, na operação primordial de significação.

Com um ato de transcendência e, ao mesmo tempo, como um *milagre*, o corpo ultrapassa seus poderes naturais. Assim, uma contração da garganta, a emissão de um determinado som entre língua e dentes, uma certa maneira de usar o corpo no movimento investem-nos de um poder figurado para expressar fora de nós mesmos. Daí porque “[...] o expresso não existe separado da expressão. [...] O sentido encarnado é o fenômeno central do qual corpo e espírito, signo e significação são momentos abstratos” (PhP, p.193, 229).

Foi preciso que no interior da *Fenomenologia da Percepção* o verbo (o pensamento) se fizesse carne (corpo) – ou a consciência encarnasse num corpo - para que o *corpo próprio* transcendesse a materialidade e forma e se transformasse numa potência aberta e indefinida de significar.

Para que o milagre se produza, é preciso que a gesticulação fonética utilize um alfabeto de significações já adquiridas, que o gesto verbal se execute em um certo panorama comum aos interlocutores, assim como a compreensão dos outros gestos supõe um mundo percebido comum a todos, em que ele se desenrola e desdobra seu sentido. Mas essa condição não basta: a fala, se é autêntica, faz nascer um sentido novo, assim como o gesto dá pela primeira vez um sentido humano ao objeto, se ele é um gesto de iniciação. Mas é preciso que as significações agora adquiridas tenham sido significações novas. É preciso reconhecer então essa potência aberta e indefinida de significar — quer dizer, ao mesmo tempo de apreender e de comunicar um sentido — como um fato último pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo, ou em direção ao outro, ou em direção ao seu próprio pensamento, através de seu corpo e de sua fala (PhP p. 225, 263)

Referências

ARISTOTELES. **De interpretatione**. Trad J. Tricot. Paris: J. Vrin, 1959.

BELLUGI, U. Clues from the similarities between signed and spoken language. In: BELLUGI, U. STUDDERT-KENNEDY, M. (eds). **Clues from the similarities between signed and spoken language: biological constraints on linguistic form**. Deerfield Beach, Florida: Florida Verlag Chemie, 1980.

FERRAZ, M. S. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. 2008. 271 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GROCE, N. E. **Everyone here spoke Sign Language: hereditary deafness on Martha's Vineyard**. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1985.

LANE, H. **The wild boy of Aveyron**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

LANE, H. **When the mind bears: a history of deaf**. New York: Random House, 1984a.

LANE, H. (Ed.). **The deaf experience: classics in language education**. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1984b.

MERLEAU-PONTY, M. **La Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **La structure du comportement**. 6.ed. Paris: PUF, 1967.

MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MERLEAU-PONTY, M. **Prose du Monde**. Paris : Presses Universitaires de France. 1967, 6a ed.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo : Cosac Naify, 2012

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty à la Sorbonne** : résumé de cours : 1949-1952. Dijon-Quetigny: Éditions Cynara 1988.

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne** : resumo de cursos : 1949-1952. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP : Papirus, 1990.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

MULLER, M.J. **Merleau-Ponty: acerca da expressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

RAPIN, I. Effects of early blindness and deafness on cognition. In: KATZMAN, R. (Ed.). **Congenital and acquired cognitive disorders**. New York: Raven Press, 1979.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

SEGATTO, A. I. Apresentação – Breve nota sobre Wilhelm von Humboldt e a filosofia alemã da linguagem. **Trans/Form/Ação**, v. 32, n.1, p. 193-198, 2009.

SILVA, Ciriane J. C. de. A corporeidade da intérprete de libras na percepção produzida por interlocutores surdos. **Revista Científica Ciência em Curso. R. cient. Ci.** Em curso, Palhoça, SC, v.3, n.2, p. 125-132, jul/dez 2014.

SCHLESINGER, H. S. Questions and answers in the development of deaf children. In: STRONG, M. (Ed). **Language learning and deafness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure**. Reedição, Silver Spring, Maryland; Linstok Press. 1960.

STOKOE, W. C. Motor signs as the first form of language. In: STOKOE, W. C. (Ed.). **Language origins**. Maryland: Linstok Press, 1974.

VERISSIMO, D. S. **A primazia do corpo próprio**: posição e crítica da função simbólica nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty. São Paulo: Editora Unesp, 2012

WHORF, B. **Language, thought, and reality**. Cambridge: Technology Press, 1956.